

## MOVIMENTO HISTÓRICO DE CANUDOS

resgate a partir do olhar da experiência

Enoque José de Oliveira

“Pe. independente”

Na década de setenta, acompanhei várias ocupações de terras das populações de Salvador, em busca de um lugar onde morar. Na impossibilidade de pôr em prática um projeto alternativo de pastoral nestas invasões, me foi sugerido de procurar uma região onde fosse possível concretizar este sonho. Em 1981 fui convidado para trabalhar no sertão e subir “o Monte Santo, para redescobrir o Conselheiro”.

### Monte Santo

Dom Jairo Rui Matos, bispo da diocese de Senhor do Bonfim concedeu-me uma temporada em Monte Santo, que batizei de “Santuário da Fé e Paraíso da Grilagem”, com a finalidade de solucionar conflitos de terra. Assim, deixava uma região conflitiva e integrava-me a outra, tendo como pano de fundo no mar quanto no sertão, a questão da terra.

No Piquaraçá, atuava monsenhor José Dias, envelhecido na postura pastoral, mas inofensivo. Isolado, dedicava-se à celebração dos sacramentos. Estava sob o fogo cruzado: a igreja queria descartá-lo e o poder político utilizava-o para suas manobras sujas. Com ele, atuavam quatro freiras espanholas, abismadas naqueles confins, onde haviam iniciado um trabalho comunitário. Tinham boa vontade, faltava-lhes

entretanto elementos para compreensão da cultura e religiosidade do povo. Numa área tão conflitiva deixavam-se conduzir pela emoção. A inexperiência impedia-lhes de ter clareza política dos desafios, tornando-as prisioneiras da rispidez do sol quente, impedindo-as de dinamizar um projeto pastoral capaz de aglutinar as massas camponesas no combate à injustiça generalizada.

Nesse clima, penetro na caatinga para o primeiro encontro pessoal com o sertão bravio acossado pela seca. Pisei naquele solo consagrado pelo terço e o bacamarte, à hora da Ave-Maria, em que o menino Bastinho tocava com a santidade de Timotinho do Vaza-Barris. Mirei o lugar, era lendário. No sopé da paisagem esboçava-se a montanha silenciosa, calvário sertanejo abraçando a pequenina cidade. Clareando aquele postal agreste exibiam-se as muralhas embranquecidas do Conselheiro como a elevar as noturnas preces do estranho romeiro contemplando aquele pedestal místico da Divina Santa Cruz. Bateu-me a sensação de haver encontrado um tesouro magnífico. Ali começava o definitivo aprendizado conselheirista.

### Monte Santo de múltiplas contradições

De um lado, camponeses, beatos e cangaceiros. Do outro, clero, fazendeiros, militares. Monte de Apolônio de Todí disseminando o catolicismo burguês instrumento de sujeição das massas camponesas e Monte do Beato Conselheiro, devoção talhada em ferro e brasa, elevando a fê com seus conselhos humanitários. Monte dos revoltosos da coluna Prestes, de Lampião e Monte das volantes assassinos. Monte do padre Berenguer, chefe político preocupado com a saúde do povo, enquanto recebia as oferendas da grilagem, e Monte de Glauber Rocha tangedor de imagens, que desafiou as forças do maligno e sentenciou o mais novo auto da terra depois do Conselheiro: a terra não é de Deus (dos vigários); nem do Diabo (coronéis) a terra é dos homens (camponeses) buscando na mística guerreira dos beatos a força transformadora da vida e da arte. Mas foi Edvígem Rosa Cardoso, a princesa do Saco Fundo que melhor cantou as grandezas de Monte Santo: "tinha que ser o maior, a primeira comarca sede da nova diocese,...

*Rev. Canudos, Salvador, UNEB, v.2 n.2, 1997*

Conselheiro seu profeta santo, porque ele só queria a monarca" (república de Canudos)<sup>1</sup>.

Largado naquele sertão do mundo, teatro da guerra contra Canudos, descobri que aquela cidade aparentemente ignóbil, servira de quartel general da maior guerra camponesa do século XIX. Cidade mística, não exorcizara sua culpa, ignorando o vaqueiro e o tangedor. A fê lhe dera o carrancismo por tributo às feridas. Era o monte de deslavados planos traiçoeiros contra aquela massa tremenda subjugada pelo carro-pipa. Mirei o sobrado (prefeitura e a cadeia pública) e em minha mente movimentavam-se imagens dos estrategistas militares planejando as operações de destruição de Belo Monte. Quanta história viva! Unimo-nos à Isabel Anunciação Vanda (Monte Santo), Edésio Lima (Cumbe), Pedro Peixinho (Uauá) e cortamos aqueles grotões redescobrimos os sussurros do misterioso Cocorobó, tementes da advertência da sobrevivente Maria Avelina "para que adianta estar falando dessas coisas. Já passou" (Tavares, Odorico -50 anos depois)<sup>2</sup>.

Movia-nos a idéia de resgatar Canudos, denunciar os culpados, exigir justiça. Mas a justificativa maior para mexer naquela chaga aberta nos céus da caatinga, era transformar a realidade do mundo camponês e dar-lhe identidade. A fê nos seus rompantes inexplicáveis inspirou-me o "Pai Nosso da América-Latina":

*"Pai ó Pai nosso quando é que esse mundo será nosso?"*

*- Pai nosso dessa América ferida, ah vida, quanta aflição  
Pai nosso quando vem a liberdade dos povos destas Nações.  
- Pai nosso quando a terra será nossa dos pobres das multidões  
Pai nosso quando o mundo será nosso, dos povos, sem divisões"...*

*(Música da Missa de Canudos)<sup>3</sup>.*

*Rev. Canudos, Salvador, UNEB, v.2 n.2, 1997*

## Qual a referência de Canudos na região?

Em 1982 visitamos o povoado do Rosário (teatro da guerra). Não tivemos autorização de entrar na capela para falar de Canudos. Os padres da diocese de Bonfim temerosos de abordar o assunto irritaram-se com a iniciativa do resgate. Uma das filhas de seu João de Regis, rama dos Guerra, afirma que há dez anos odiava Conselheiro "porque aquele assassino tinha matado muita gente" (pesquisa 1996)<sup>4</sup>. Em Chorrochô, na novena de Senhor do Bonfim, Afonso, preocupado com a memória histórica do município é proibido pelo vigário local de falar sobre Conselheiro no templo religioso construído pelos canudistas<sup>5</sup>. Havia temor de tocar naquele episódio. Para uns era história de carochinha, para outros lembrava o ronco dos canhões. A lembrança da guerra soava atroz, como se evocasse o martírio que ali se reproduzia nas milhares de crianças assassinadas pela escassez d'água. O espantinho da morte soava como uma ferida canudista que reproduzia flagelo. Como superar aquele medo das armas misturado à propaganda anticomunista pregada pelos adeptos da ditadura militar? A ideia de que os comunistas "comiam crianças", tomavam as terras e acabavam com a fé, a estrutura mental do mundo camponês associava essa realidade ao massacre de Canudos. Por que éramos comunistas, não pudíamos entrar na capela do Rosário.

Debaixo dos umbuzeirais, em barracas, capelas, casas de farinha, os camponeses em assembleia foram tirando as prioridades do trabalho: defesa da terra livre para o bode se criar, terra para trabalhar e morar, criação de açudes, vivência profética do evangelho incorporado à religiosidade popular, denúncia aberta contra a injustiça generalizada, defesa de escola, etc. Assim, nascia o Movimento Histórico de Canudos, nas cercanias de Monte Santo e região, originado no trabalho das comunidades populares, formadas à sombra da igreja oficial, sofreram resistência do clero desde o nascedouro. Os padres não tendo o direcionamento teórico-prático do movimento, viram-no com reservas. As igrejas protestantes caminhavam à distância. Aquilo era "política".

## A divergência com o clero

O movimento defendia o máximo de participação dos camponeses nas assembleias, cujas decisões coletivas deveriam ser soberanas. Os padres defendiam que a hierarquia tinha a palavra principal. Na nossa visão o novo Canudos não podia ser administrado por uma hierarquia, que o destruiu. O direcionamento devia ser dos camponeses.

Na questão de encaminhamento dos conflitos de terra, defendíamos que os camponeses deveriam decidir o rumo dos seus confrontos. Os padres adotavam uma postura técnica e legalista. A predominância dessa última tendência resultou em saldo trágico para o movimento camponês e para centenas de famílias que perderam suas terras.

Desse modo, o resgate de Canudos, incorporado à vivência dos camponeses gerou um progressivo afastamento (na praxis) das dioceses ao trabalho de Monte Santo. Envolvida naquele quadro novo que o clero não desejava, a Igreja viu-se entre a cruz e a espada: ou apoiava o trabalho das comunidades de Monte Santo associado ao resgate de Canudos e se expunha a um embate aberto e claro com a justiça, latifundiários, políticos, ou se juntava a eles para combater o trabalho. Optou-se pela saída de 1897.

## A Formação das Comunidades

Como ponto de partida, urgente seria criar as comunidades autônomas, democráticas, com poder de se reunir livremente. Deveriam nascer com uma missão específica: dinamizar o movimento histórico de Canudos, através de um conselho camponês, originado nas roças, de difícil acesso à vigilância do cabo eleitoral e onde também funcionaria como coordenação local. E foram surgindo em todo município. Cada comunidade recebiam os textos bíblicos e passavam a se reunir livremente. Inspiravam-se nas experiências bíblicas, mas também lhes fora mostrado, que à beira do Vaza-Barris os camponeses construíram uma belíssima comunidade onde a terra, o bode, a água do rio,



as roças, a cidade, foram administradas em comum pelos camponeses que não aceitaram polícia, juiz, padre e coronel, representantes da classe dominante. Fora do município de Monte Santo, mobilizavam-se as pessoas através dos conflitos de terra, em combinação com as lideranças leigas.

Por que os camponeses de 1982 responderam rapidamente ao novo chamado? por que esperavam um Messias, para lhe salvar da miséria e implantar um mundo novo (messianismo); um rei salvador com seus exércitos para aplacar a ira dos prefeitos e grileiros contra o povo humilde e substituí-los ao combate da miséria (sebastianismo)? Como tentavam explicar as razões por que os camponeses acompanharam o Conselheiro. Não!. Novamente na mesma região os camponeses assumiram o novo Canudos, movidos pelo misticismo sim; agora transformado numa força combativa, porque ali encontravam-se respostas concretas aos seus gritos mais profundos. Agora como em 1897 os “fracos” se faziam fortes e administram suas lutas. Derrubavam cercas, encoivaravam grileiros, desafiavam autoridades, questionavam o bispo e se reconheciam legião de irmãos comunizados.

## Reação do Coronelismo e da Igreja

Ficava patente entre uma agressão e outra dos setores conservadores e reacionários, que não era possível resgatar Canudos sem um amplo e forte movimento camponês. Em seis meses o bispo pedia a paróquia. O prefeito Tota, descendente do primeiro intendente de Monte Santo, cel. João Cordeiro, do Acaru, executor da linha política do Barão de Gereboabo, arrebatado pelo espírito repressivo de João Cordeiro, Tota (Antônio Cordeiro) partia para o ataque frontal ao trabalho. Exibia um barril de gasolina para atear fogo nas lideranças. Nem sabia o inexperiente prefeito, que seu ancestral compartilhara com o exército, praticando o mais vil ato de terrorismo, jogando dinamite e querosene nos templos religiosos de Canudos e nos subterrâneos, onde buscavam água os conselheiristas que resistiam contra as elites representadas ali pelo exército brasileiro. O candidato do PDS-2 o Sr. Ariston Correia Andrade, qual jararaca roedora de suas presas, execu-

tava o hino do Senhor do Bonfim, fingindo espertamente de simpatizante do trabalho popular, tática que lhe valeu a vitória nas eleições de 1982.

## O Aprendizado dos camponeses - 90% analfabetos

O movimento estruturado a partir da vida concreta das comunidades, possibilitou aos camponeses extrair das lições de suas próprias de luta. Desse modo, eles iam reelaborando sua visão de mundo. O instrumento material das discussões era o evangelho e a vida. Desse binômio os camponeses iam formulando sua teologia. Elaborando uma nova leitura de Deus e do sertão, inspirados na realidade material e religiosidade popular, puderam explicitar sua visão do Canudos do Vaza-Barris. Interpretando, teorizando, levantando hipóteses e aproximando-se da “verdade histórica” do movimento conselheirista:

- “Antônio Conselheiro, acho que seja qualquer um de nós que queira ser. Porque se nós faz a vontade que ele fazia, somos Antônio Conselheiro. Porque ele era um homem que gostava muito de dividir, de compartilhar com os pobres por isso os grandes que estavam lá no poder derrubaram com ele. Até que mataram. Mais a luta não se acabou, ficou continuando ainda mais forte” (Maria das Virgens, Muquem)°.

- “Nós temos que ter fé em Deus e lutar pela terra e gritar dentro da terra; pode arder o que arder, pode até correr sangue, mas nós enfrenta. Porque quem nos ajuda é Maria Santíssima. Quando ela disse que tomava o direito dos grandes para dar prós pobres é porque ela não é mulher mentirosa. Ela é firme, está ai para ajudar os filhos dela” (camponesa jovem do Muquem)°.

- “Então companheiro ... a gente lutou numa batalha muito forte e conseguiu aqui esse barraco para projetar nossos trabalhos pra que nós decida. Como vai a grilagem? Vai mal. Então aqui nós decide. Pra que nós tire pista de chegar até os órgãos competentes do governo do estado ou do Presidente da Republica para que nós tenha



vez e voz. Isso aqui não é um benefício de eu só. É de todos. Para que todos tenham um dia de vida melhor, pra ver se nós colhe uma água-da aqui na nossa fazenda... Quando a seca vem, nós se desloca daqui duas léguas, para nós ver uma lata d'água na cabeça. Ou então passa a noite, para nós ficar esperando uma gotinha d'água suar numa cacinba"<sup>8</sup>(Máximo, Muquem)

- "Popular para nós foi a luta de Antônio Conselheiro. Popular para nós é fazer o mutirão. É nós darmos as mãos erguidas. Abraçados a todos. Popular precisa ficar muito importante.

Jesus disse no Evangelho. De onde vem as grandes guerras? Vem de vocês? A guerra não vem de nós. Vem dos politiqueros. Daqueles que manda na polícia. É nós que bate na polícia ou é a polícia que bate em nós? É nós que tomamos a terra ou é o grileiro que toma a terra de nós. É nós que explora os ricos ou os ricos que explora nós. É nós que toma o direito da criança ter escola; ou é os ricos que prende, fecha os hospitais, cobra grandes impostos e quando acaba não nos dá o direito. É preciso que nós entenda, que nos respeite, que a luta de Antônio Conselheiro era em cima disso, para nós ser livres, independentes. A nossa luta é essa. Quando uma pessoa disser que popular é inútil, essa pessoa é um safado".(Zé do Jardim)<sup>9</sup>

Os quatro depoentes recuperam a linguagem belíssima dos camponeses de 1897. Nota-se que nunca frequentaram escola, porque em Monte Santo, como no sertão de Canudos, o analfabetismo impera qual praga devoradora. Conseguem situar o seu mundo, o estado, a terra, personagens bíblicos. Distinguem o que é oficial do popular e exprimem a consciência da origem das guerras, da grilagem da exploração dos impostos, da ação violenta da polícia e de como o estado os desrespeitam. O Canudos popular vem de Antônio Conselheiro e sua prática. O grito de rebeldia da camponesa jovem, anteriormente citado só podia assustar quem está no poder! Nos depoimentos os entrevistados apresentam idéias de seu aprendizado concreto, onde mesmo sem escolaridade, elaboram uma visão crítica de seu país, da exploração do sertão e expressam a convicção de que só pela luta e união, acreditam realizar os seus sonhos.

- "Aconteceu uma guerra cruel aqui pertinho da gente. Então era importante rever essa história. Dizem que Antônio Conselheiro era louco, fanático, vamos ver se é mesmo? Por que essa experiência foi combatida? Por que veio o Exército do país para acabar com isso aí? Qual a importância disso aí? Então a gente foi revendo a história. Que hoje a gente compara com a nossa. Quando o povo começou a se organizar aqui, também foi combatido, estão sendo combatidos, até... mesmo pela Igreja. Então é uma história que tem muito a ver com a gente. Canudos está profundamente ligado a vida do povo". (Givandete Evangelista dos Santos, professora primária)<sup>10</sup>. O depoimento da professora animadora da comunidades, destaca a preocupação com a revisão histórica. Quem diria! revisão a partir dos olhares dos oprimidos. Realça a busca de identidade com aquele povo do Bello Monte. Entende que através do trabalho atual foi possível compreender a comunidade de Canudos. Explica que o trabalho de hoje possibilita responder a certas dúvidas sobre o mistério de Canudos. Esclarece que há uma continuidade histórica, uma relação íntima entre Canudos velho e o novo e que este é um assunto do povo campones.

### Primeira Missa Popular de Canudos

O período ocorrido entre 1982-84 consolida e amplia o movimento de Canudos. A coordenação do Movimento decidiu celebrar a primeira Missa pelos mártires de Canudos em 28/07/1984. Divulgada na imprensa, a reação foi imediata. A Rádio de Casanova em dois programas combate a iniciativa da missa. A Rádio Grande Rio de Petrolina afrontava: "será que o padre Enoque ainda quer outra guerra de Canudos?" os prefeitos da região de Monte Santo, Uauá, Cumbe, Cocorobô, se mobilizam. Distribuem alimentos, proibem seus liderados de participar do evento.

## O Editorial

A 26 de julho de 1984, véspera da realização da missa, o Jornal A Tarde, desponha com o editorial "Preparando a Guerrilha" diz: *"Infelizmente alguns sinistros personagens do chamado clero engajado do pensam de forma diferente e apresentam os fatos como consumados e definitivos, servindo para seus objetivos políticos ideológicos, porém abrindo uma frente de divergências com as Forças Armadas (mas precisamente o Exército que enfrentou Canudos) num momento de instabilidade política nacional e tendo como cenário a região que se apresenta como a maior vítima da atual crise econômica do país: o nordeste, e, no coração do nordeste, o tórrido sertão da Bahia. Os indivíduos que preparam tais manifestações de histórico caráter reacionista se apresentam como elementos de sindicatos, padres, dirigentes de partidos políticos, bispos, intelectuais, poetas. A cerimônia de sua parte tem um estranho colorido sacerdotista, qual seja os três momentos de Canudos: O nascimento, a guerra e ressurreição. Antecedendo a festa magna, a paróquia de Monte Santo promoveu debates, orações e vigílias, em torno de Canudos. Seria melhor que ficasse o programa limitado aos debates. Afinal temos convicção de que Canudos é ainda um assunto para estudos e não para justificar atividades militantes que tem um claro objetivo de desestabilização do campo. Não temos dúvidas de que se a sociedade urbana tem alguma coisa a ver com Canudos, deve manifestar-se nos círculos universitários, no âmbito dos estudos da história. Porém remontar o cenário de Canudos invertendo os fatos e apresentando uma versão tendenciosa da figura de Antonio Conselheiro, não tem cabimento. No fundo não pensa de uma provocação, que caberia ser abortada pela hierarquia da igreja, instituição que ao longo dos tempos, sempre combatu com o crucifixo e o rosário, as manifestações messiânicas de fanatismo"*<sup>11</sup>

O editorial em verdade era uma tentativa de impedir a realização da missa, que significava de um lado a marcha do resgate de Canudos e de outro a ebulição do movimento campones na região de

Monte Santo e cercanias. E da o tom de recado: "Engana-se os que apresentam os fatos como consumados"<sup>12</sup>.

Nas entrelinhas o editorial quer dizer que não é tempo de se pensar no resgate de Canudos e, quando isso tiver que ser feito, que seja pelas mãos das elites intelectuais, nos círculos universitários, como assunto acadêmico. Porque Canudos ainda é propriedade do Exército, que o destruiu. Afinal, o silêncio deve ser a compensação para o crime cometido. Canudos é assunto para estudo. Assunto encerrado. Tema maldito. Deve ficar escondido no fundo do Açude mas não era isto que estava sendo programado no sertão. Como admitir que o resgate pudesse ser construído por um bando de tabareus de Monte Santo e região? isto é "provocação" ao regime militar. Será esta mesma elite que tem que dar a versão do Bom Jesus Conselheiro. Fora dela "será uma versão tendenciosa... Não tem cabimento". E apresenta Antônio Conselheiro como "Profeta e Caudilho". Eis a versão real para que se evite a reedição de outra "epopeia do fanatismo".

O jornal ainda tenta induzir Monte Santo a parar os debates e chama a alta hierarquia da igreja para impedir aquela "manifestação messiânica de fanatismo". Insiste: "Não será uma Missa qualquer". Porque se em 1897 Canudos estava querendo desestabilizar o novo regime, agora o Movimento do resgate quer "desestabilizar o campo" amparando-se o jornal no mesmo discurso de 1897.

Sabia-se na Bahia que a missa era iniciativa exclusiva de Monte Santo e lideranças leigas da região. A diocese de Juazeiro não participou da coordenação do movimento, não colaborou economicamente, não levou o povo, mas o jornal joga cizânia num "padre italiano" e na diocese de Juazeiro, negando a liderança leiga e camponesa na concretização do evento.

O editorial produziu forte efeito psicológico no sertão, traduzindo-se no temor dos padres, quanto nos insistentes apelos do bispo para que "caisse fora disso". Tarde demais. A missa se realizou com clima tenso. Crianças camponesas ficaram chorando "porque os seus

país iam morrer na guerra”. A missa marcou um salto na história inter-rompida do movimento conselheirista. Rompeu com uma postura localizada do tema. Foi um marco: antes, só os intelectuais em círculos restritos estudavam Canudos. Depois dali o mundo campones incorporou a discussão, num claro protesto contra a apropriação intelectual de Canudos como peça de decoração do passado. A partir dali a abolição do tema pode ser proclamada na crista da Canabrava. O mandato do medo foi rechaçado. Canudos é palpável nas mãos camponesas. Mastigado no pão simbólico da liberdade. A multidão inaugurava uma nova fase da religiosidade profética proclamando as tabuas das leis e decretos do novo Canudos do Povo. Aquelas águas tinturadas pelo chumbo da artilharia e pelo sangue dos mártires, evocavam o cenário bíblico e um arco-íris corta os céus de Cocorobó, sacramentando o acontecimento. Estava lançado o Movimento de Canudos com um grito solene:

*“Canudos não Morreu”.*

*Alegria povo meu  
Pois Canudos não morreu  
Está vivo na união  
Tá na fé no coração, no coração.*

*Tá no homem na mulher  
Tá na flor da minha fé  
Tá na terra na alegria  
No amor na rebeldia...<sup>17</sup>*

A programação se desenvolvia com a realização de assembleia e celebração de manhã. Pela tarde a cantoria. As canções cortavam as águas sagradas. Os céus abriam-se em preces. O Vale dos Degolamentos trespassado por aquele hálito e o Vale das Quixabeiras consumiam aquele doloroso momento. “E quando o sol cai em Canudos” despedimo-nos do Cocorobó, com um grito selvagem da música

*Deixem-me Viver.*

*“Deixem-me viver, deixem-me falar  
Deixem-me crescer, deixem-me organizar.*

*Quando eu vivia no sertão  
Aos pés de quem devia me mandar  
Gemia calo e dor nas minhas mãos  
A canga era pesada pra levar.*

*Canudos outra vez vai florescer  
A vida como um galho vai frondar  
A luta pela terra gera o pão  
Amores vão de novo começar...<sup>18</sup>*

#### Repercussões da Missa:

A revista *Veja* analisou como “Missa ao Herege”. Referiu-se ao Conselheiro como “Chefe do movimento messiânico, ... fanático religioso” (*Veja* 8-ag-1984).

- *Espalhou-se no sertão de Canudos uma publicação apócrifa, repudiando a missa e qualificando os organizadores do evento de “Terroristas, criminosos, maníacos os autores daquela orgia demoníaca; Negro momento após 1987”.*

- *O Jornal de Brasília, fez-se porta-voz do Movimento de Canudos e dizia: “Como Canudos oferecia trabalho e acolhida para todos os empregados das fazendas, verdadeiros escravos, os retirantes e lavradores começaram a deixar os locais onde moravam e trabalhavam para viverem em Canudos. Com isto os fazendeiros iam perdendo os seus servos. A perseguição não demorou a vir” e continua, “O Movimento de Canudos lançado no Cocorobó. Um movimento que já começou a nível regional a sofrer serias acusações inclusive a de estar preparando o revanchismo político” (Jornal de Brasília 12.08.1984).*



- A revista *Retrato do Brasil* fala de "Crenças da miséria, messianismo" e conclui: "A Igreja progressista de Dom José Rodrigues, bispo de Juazeiro, na Bahia reorganiza o mistério de Camudos". A revista também não conseguiu admitir que o resgate de Camudos não é obra da alta hierarquia da igreja e elege seus ídolos como responsáveis pela "reabilitação" de Camudos. Insiste na versão de Messianismo, perde a oportunidade de encarar Camudos como Movimento camponês e dar nome aos bois (*Revista Retrato do Brasil*, p. 101-103).

1985-86 foram os anos de articulação do Poder Político e da Igreja para por fim no grito do povo.

### A Conscientização

O jornal *Tabuleiro*, edição de 24.7 a 28.08 de 1985, página 7 relata: "Uma verdadeira guerra foi desencadeada a partir do mês de maio-1984. Pressões de toda ordem para se tentar denegrir... o trabalho de conscientização. Em 12 de março de 1984 a Câmara de Vereadores aprovou uma "Moção de Desagravo e Repúdio" contra o vigário de Monte Santo, considerando-o "Persona non Grata". Na quinta-feira santa desse ano o padre fora ameaçado de morte caso acompanhasse a Procissão de Senhor Morto e por isso não pode participar do ato religioso (...)

- Grupos liderados pelo filho do delegado arrombaram a porta da Matriz tocaram o sino da igreja e soltaram fogos em grande quantidade... As perseguições continuaram e se estenderam também a pessoas que faziam parte diretamente do trabalho (grito nosso). O prefeito municipal começou a demitir funcionários da prefeitura que se manifestavam a favor do movimento

- Quem participa da comunidade de base, Movimento de Mulheres, Oposição Sindical, Irmandade da Santa Cruz eram discrimina-

dos no atendimento médico, quando necessitavam dos serviços do hospital de Monte Santo" (*O Tabuleiro* 24.07 a 28.1985 p 7)

Percebendo que as ameaças e difamações não estavam surtindo efeito o prefeito arma um plano mais ousado. Amparado num alvará expedido pelo juiz Antônio Oliveira Martins, se apropria de dois imóveis da Paróquia com o claro objetivo de tirar os abrigos das multidões que vêm a Monte Santo nas Romarias, Missão da Terra, Assembleias. Em resposta a mais um ato de truculência do prefeito, foi preparado dia 10 maio 95 uma manifestação de repúdio a apropriação dos imóveis tomados. A procissão guerreira percorreu a cidade e os fatos foram denunciados. Como estava marcada uma audiência do juiz com onze pessoas das comunidades, o cortejo para em frente ao Fórum. O juiz não cumpre o trato e num golpe sujo manda-me chamar e de revolver a mão tranca-me na sua sala e sob ameaças, da-me ordem de prisão, alegando "desacato a autoridade". Para angariar apoio declara para o presidente da Associação dos Magistrados da Bahia - AMAB "única entidade que se pronunciou contra o Padre e em favor do ato de prisão do juiz, através do seu presidente Mario Albiani" (*jornal o tabuleiro*, 24 a 27.08.95). Afirmando que "o padre foi preso por ter chamado o juiz de corrupto, em audiência no fórum da cidade... sendo que o padre ofendeu o juiz na presença do promotor público de Queimadas... O Presidente da Associação dos Magistrados da Bahia acredita que a atitude do juiz foi correta e disse que se solidariza com o companheiro" (nota da AMAB A Tarde 11 maio 85 p 13). Fiquei cinco dias no Quartel de Bonfim e fui liberado em Queimados pelo mesmo juiz sob as seguintes condições: "Não celebrar missa na roça, não falar publicamente, não participar de passeatas, não se ausentar da cidade sem autorização do juiz". Dias depois após a prisão fui chamado a Senhor Bonfim e, numa reunião com oito padres presidida pelo bispo, acusaram-me de comunista e estava usando a Igreja, sendo aconselhado a deixar imediatamente a paróquia. So o vigário de Senhor Bonfim, Pe. Luis não se pronunciou. Entendi o objetivo da reunião e como não tinha como me defender, propus que se instaurasse um inquérito sobre o meu passado, que publicaria o veredito. O rastreamento foi feito pelo

bispo. Não encontrando ligações direta com partido de esquerda o bispo, farsaicamente, silenciou sobre as investigações.

O plano do prefeito abortou, mas conseguiu acirrar a posição da igreja. Na Missão da Terra (13 set 1985) os romeiros retomam os imóveis sob o olhar inflexível dos vinte policiais armados dando proteção as tropelias do prefeito.

“O encontro da Missão da Terra visava a discussão da reforma agrária e constituinte. Fieis dos recantos mais distantes do sertão marcaram suas presenças... Ao lado da Igreja ouvia-se anunciar o filme ‘Deus e o Diabo na terra de Monte Santo’ tudo isso foi feito para desviar a atenção do povo e esvaziar a Missão da Terra. O encontro tornou-se uma das maiores manifestações já vistas no sertão após a morte de Antônio Conselheiro. Uma cruz carregada cuidadosamente por um fiel arrastava a multidão depois de ocuparem os imóveis...” (O Tabuleiro, out 11.1995 p 7).

## O Papel de Monte Santo A questão da terra se repete

Com a força popular das comunidades, Monte Santo tornou-se importante foco de ebulição do movimento camponês, no sertão nordeste da Bahia, liderando o confronto oligarquia-povo. Um dos momentos fortes dessa ebulição dava-se na Missão da Terra. Porque Monte Santo? Porque ali havia apoio popular às denúncias que os camponeses de Feira a Queimadas, Tucano a Jacobina, vinham expor sem medo de serem surpreendidos por bandos de capangas armados ou por diligências policiais. No centro daquelas manifestações, destacava-se a questão da terra. Aqueles novos levantes mostravam que no sertão de Canudos a questão fundiária sobrevivia intocável. O Estado não tinha interesse de enfrentá-la. Ao contrário, extinguiu a Secretaria de Reforma Agrária, delegando assim plena liberdade aos coronéis grileiros que contavam com a cumplicidade de juizes, delegados e prefeitos. Na essência dessas manifestações o mundo camponês manifestava sua

saudade da irmandade do Vaza-Barris. Aquela praça, outrora palco de grandes “romarias de tabaréus”, crentes nas promessas enganosas do Partido da ditadura militar, recebiam agora importantes concentrações de camponeses revoltos. Conscientes de sua luta contra a seca e seus derivados. Pois é, ela que na ponta desse iceberg do flagelo, batizado de indústria da seca, enfraquece e mata, exila e mantém o vínculo criminoso do chefe político com o “tabaréu crendeiro”.

Momentos inéditos, não dissociados da história passada. Essas grandes manifestações de camponeses eram a reedição de um único e mesmo sonho, vivido em Palmares, Contestado, Caldeirão, Aldeias, Ligas Camponesas. Os mesmos “sem-terras” construindo as transformações que o Estado emperra. Dissociar Canudos dessas lutas atuais é negar a história. Até porque, do lado de lá existe um encadeamento histórico que reproduz secularmente a violência. A luta pela terra, a crença na igualdade, a religiosidade guerreira, têm uma explicação única: é o camponês do Brasil, quais piratas sertanejos, assumindo suas causas e buscando respostas para o seu tempo. E estranho imaginar cada levante desses, como episódio estanque. O sangue derramado das crianças desnutridas, pela “seca de 77”, o grito do búzio de Pedrão convocando os guerreiros para as tocaias, é o mesmo grito do camponês de 1997 rompendo os grilhões de uma República neo-liberal, que mais parece uma lavra, que desova os filhotes e devora a maioria. São os mesmos deportados após a Guerra de 1897 que atravessavam as fronteiras da Pátria, teimosamente, brutalmente (não importa) construindo seu direito de viver.

## A Contra Partida

Ao tempo em que Monte Santo se afirma como trincheira das lutas camponesas, o prefeito local, médico Ariston Correia Andrade, que pretende transformar Monte Santo, numa roça de um único coronel, é imposto por forças superiores para combater o movimento camponês, articulando-se a longos passos no Nordeste da Bahia. Exímio



violador dos direitos públicos e individuais, “manhoso” na arte de “jogar a pedra e esconder a mão” tem sempre na ponta da língua a resposta escusa:

- “Não é verdade que as professoras leigas ganhem ordenados de 25 mil cruzeiros mensais e que este esteja atrasado 3 meses. As professoras leigas de Monte Santo recebem mensalmente 70 mil cruzeiros (3 horas diárias de aulas) e seus vencimentos estão em dias...

- “Não é verdade que eu considere inimigo as pessoas que reclamam seus direitos. A verdade é que existe nesse município um padre psicopata, por nome Enoque José de Oliveira que, encapuzado na condição de sacerdote não tem senão promovido agitações políticas a ponto de ser, nos dias que correm um tipo universalmente antipatizado e execrado pelo povo monte-santense”. (A Tarde, p. 10 29.06.85).

#### Respostas das comunidades:

- “Se o prefeito trabalha com tanta ‘seriedade, equilíbrio, honestidade’ como afirma na matéria paga como é que desempregou centenas de pais de família...?”

- Se o bom prefeito não persegue as nossas comunidades, por que proíbe missas, rezas, encontros comunitários, nos prédios escolares”...?”

Amparado numa ampla rede de comunicações para combater o movimento camponês e forçar as dioceses a extinguir aquele trabalho, o prefeito de Monte Santo com um aparato policial que dá suporte às suas tropelias para impedir as celebrações do movimento: “Depois que tomou conta do poder, o prefeito tem trazido constantemente policia para amedrontar as lutas do povo. Em dez-1993, um tenente do exército veio investigar o trabalho, em abril-94, dez policiais armados de metralhadoras permaneceram um mês na cidade para impedir que os lavradores tomassem a diretoria do sindicato, em set.-1984, vinte agentes secretos veio vigiar a missa das comunidades (missão da terra). Sendo que um enviado do prefeito, o jornalista da “Tribuna da Verda-

de” e várias vezes o sargento da cidade havia tentado vigiar os grandes encontros da paróquia. (comunicação das comunidades 15 maio. 1985).

#### As Romarias Paralelas

Do ponto de vista religioso o prefeito compra dezenas de “imagens” para fazer suas romarias paralelas, obrigando funcionários públicos a compor o seu séquito extravagante. Monte Santo passou a ter duas romarias: a do prefeito e a da igreja. Numa dessas romarias de novembro o chefe Ariston trama liderar pela força a festa religiosa. Para evitar o confronto fomos obrigados a fechar as portas da matriz. Na calada, este larga as “imagens” na porta do templo e chama um jornalista aliado, para documentar a cena macabra. O plano era o seguinte: sob ameaça o padre não seguiria a procissão do Monte da Santa Cruz. Em baixo na matriz, impondo pela força suas imagens e lideraria a festa de Todos os Santos em trinta e um e primeiro de novembro. No dia 2.12.85 o Jornal A Tarde estampa a seguinte manchete:

“Padre fez Santos dormirem ao relento durante Romaria”

“Quando chegamos de volta no sopé da montanha vamos descansar nas escadarias da igreja... matriz. E aqui ficamos assombrados, os santos dormiram ao relento... pois foi o que aconteceu. O padre Enoque José de Oliveira, para muitos um psicopata, para outros político travestido de sacerdote, para a maioria um perdido... depois de terminada a procissão de todos os santos, não permitiu que os verdadeiros donos do templo entrassem em sua casa. Só acreditamos porque vimos e fotografamos todos abandonados na calçada, como um bando de malfeitores... Padre Enoque preferiu se fechar. Pior para ele. Não assistiu ao grande espetáculo que é a romaria de todos os santos em Monte Santo... Padre Enoque José de Oliveira com seu materialismo histórico, sua ortodoxia, Padre? (A Tarde 2 dez. 1985).

Um jornal de Serrinha interpretou a matéria da “A Tarde”: “Tinha tudo para acreditar... mas o que me deixou em dúvida foram os



ataques e o fato da matéria estar assinada... No artigo o padre é taxado de psicopata, materialista, pregador de doutrinas abertamente políticas e partidário do extremismo. Colocou-se no artigo até em dúvida a sua condição de padre. Eu imaginava que não existiam jornalistas extremamente reacionários... Se lutar por terra, para o trabalhador pobre do campo; protestar contra demissões praticadas pelo prefeito da cidade; lutar junto ao trabalhador por melhores salários; denunciar as corrupções e desmandos e acima de tudo, conscientizar o povo de sua real força e dos seus reais direitos é ser psicopata, materialista então o padre Enoque o é... Lamentável foi a atitude do prefeito, mas pior foi a atitude desse jornalista, que a troca de migalhas tentou prejudicar a imagem de um trabalho de conscientização de um povo. Povo este maltratado pelo sistema, relegado a planos distantes regado a miséria e migalhas, corroído pelo tempo e enganado pela esperança de políticos da marca do Sr. Ariston... (Tribuna do Nordeste, dez.1995 p.7).

## A Volta da Matadeira

“Novembro de 1994 um contingente do exército trazendo o canhão de Canudos para desfilar nas ruas e amedrontar o povo”. Denunciavam as comunidades em documento. Era o argumento supremo. Chegava do Quartel de Amaralina para ser exibida na feira de Monte Santo, a terrível Matadeira, tencionando “pavorizar” a região. Tinha-se ali um recurso extremo. A agressão estúpida contra o estado de direito daquele povo de se organizar livremente. Simbolicamente, tinha-se a impressão que a Ditadura se despedira do sertão. Imaginava-se que o rufar dos canhões tivesse encerrado seu ciclo. Aquele era um fato grave de abusiva agressão histórica. Visava dar um ultimato ao movimento camponês, nascendo ali sob os fragmentos de chumbo da artilharia de 1897. Agora já não era mais a corporação de polícia que vinha agredir, era o próprio exército com sua arma medonha metendo sua mão-de-ferro contra a luta dos miseráveis por terra livre para o tangedor abôia. Qual seria agora o argumento do combate ao movimento? Sequer faziam uma avaliação de 1897!. Esquecidos?. Quando naquela mesma praça as ordens do dia de Artur Oscar 19 de novembro

prometeram progresso aquela região?... as cenas de miséria, a agressão do prefeito, o desvio escancarado do dinheiro público, as terras griladas, nada disso comovia o pensamento militar. A exibição macabra, naquele cenário mostrava que os invasores de Canudos, não se renderam a tão falada civilização. Respondi aquela agressão com a música:

“A Matadeira”

*Lá, lá vem a Matadeira  
Com seu dinamite  
Come ferro ôiá  
Lá, lá vem ela macia  
Lindos ódios de cria  
Armação do capeta  
Danação, trama de Dragão.*

*Olhai, bota pra quebrar  
No Coiqui, já matou no mar  
Oi, oi, oi, oi, já matou no mar.*

*Quer destrui nosso sonho  
Santuário de Antônio  
Tadim do sertão  
Mais ninguém vai deixar  
Macambira irá  
Intalá o Cão.*

A Matadeira voltou a Salvador, para tempos depois instalar-se definitivamente na praça do Piquaraçá, palco de sublevações. Simboliza hoje a presença repressiva da elite brasileira que tem tratado as lutas camponesas a ponta de baioneta e ao arrojado dos canhões.

## Uma derrota do Poder Político

Quatro anos após o resgate, o poder político regional que preservava a postura repressiva de 1897, deu sustentação a ideologia do regime militar, foi impotente para frear o segundo Canudos do povo, “vira a casaca” e encara Conselheiro noutra direção. Se não é mais possível esconder o crime de 1897, danam-se atrás do prejuízo político. Ninguém quer ficar com o matulão da culpa e desembestam em busca de uma versão burguesa do Conselheiro: “os coronéis que proibiram o nome do conselheiro assumiram uma tática bastante inteligente para impedir a tomada de consciência do povo. Adotaram um Conselheiro carola (“O Estado de São Paulo, 15.8.89): substituem o nome da cidade do Cocorobó por Nova Canudos. Em Monte Santo o prefeito na sua histórica fuzilaria verbal contra o resgate popular, cria o Museu do Sertão que poderia ser uma importante fonte de pesquisa, mas depois foi por ele fechado. Adota um Conselheiro de madeira, exposto na praça e o exhibe na feira dos municípios. Quem diria! “É! Agora por causa das comunidades de comunistas para eu ganhar as eleições, sou forçado a andar com esse agitador pra cima e para baixo, chamando-o de Beato. Será que ainda consigo ganhar o povo?” Retrata uma charge do livro, Noventa anos depois Canudos de Novo<sup>14</sup>. No Cumbe atual cidade de Euclides da Cunha, distante 78 Km de Canudos o estado constrói o “Hotel do Conselheiro”.

## O Pagador de Promessas

A escolha de Monte Santo para as filmagens da mini-série, “O Pagador de Promessa” era prato desejado que a igreja esperava para aplicar o golpe mortal. “Recém-chegado à Bahia, Dias Gomes disse que encontrou na região de Canudos o misticismo necessário. A própria cidade de Monte Santo é histórica” (Folha de São Paulo 23.8.86). Dias Gomes manteve contato conosco. Foi a Monte Santo, ouviu durante 3 horas uma assembléia de camponeses, percebeu a força libertária do trabalho e escolheu Monte Santo para mostrar ao Brasil a questão central do campo: a terra e dentro dela o conflito: latifúndio - posseiro e seus desdobramentos. O misticismo que ele viu foi o relato

*Rev. Canudos. Salvador, UNEB, v. 2 n. 2, 1997*

dramático, recheado de violência contra os camponeses, mas que não dobrou sua altivez. Ouviu a novidade da região: a velha ordem coronelística de que sempre vence o poderoso, ali fôra quebrada. A escolha era o reconhecimento público da grandeza do novo Canudos do povo. Mas a luta de Monte Santo não ficou por aí: fomos a Jacobina desafiar a coivara do PDS, contra a defesa dos trabalhadores para se manter na terra; fomos a Caldeirão Grande abrir a igreja matriz fechada pelos Bezerra e que os padres vacilantes não quiseram aprender a lição de Monte Santo mantendo-a fechada. Fomos a Uauá, Tucano derrubar cerca de grileiros. Eis o misticismo da velha Edvirgens, espraguejando os ignóbeis. De Maria Gorda, desafiando os carrancistas. Da velha Honorata, orando contra “os Caifaz”.

Pouco tempo depois da escolha de Monte Santo, para as filmagens, a igreja manda ao Piquaraçá um bispo para conhecer o trabalho. Na visão de um jornalista tratava-se da reedição da missão Capuchinho de 1896. O Jornal “A Prensa” acompanhou a visita (25 a 27. ag. 96).

## Depoimentos das comunidades:

- “*Nós trabalhamos numa comunidade pela força da união. A gente se reuniu pelo sofrimento que a gente vive. Nós estamos no que é nosso e quem vem de fora chega e diz: vocês não são donos. Aqui é nosso. Então nós estamos lá como num círculo, como agregados dos grileiros, que tomaram o que é nosso. A gente vive sofrendo. A gente precisa cozinhar e para isso precisa ir ao mato tirar pau-de-lenha, mas a gente não pode ir porque lá está cheio de pistoleiros. A gente vive assombrado de deitar e no outro dia não amanhecer vivo. Nós estamos andando sem ter onde pousar. Quem é forte tem o dinheiro, vai para a justiça, tem cobertura. Nós fracos não podemos andar porque não temos” (dona Rosa Maria da Silva, comunidade do Desterro).*

*Rev. Canudos. Salvador, UNEB, v. 2 n. 2, 1997*



O depoimento dramático dessa mulher é um dos casos citados em que a Diocese e a CPT, assumiram a direção do conflito substituindo os camponeses, enfraquecendo sua luta. São mais de duzentas famílias nesta fazenda.

- "Sr. Bispo: as crianças sofrem demais. Não existe prédio escolar. Elas estudam nas casas de farinha, nos depósitos de sisal. As crianças não tem merenda escolar, recebem apenas um livro só por ano, um caderno e um lápis. Quando vão a escola elas levam um punhado de farinha seca. Outras com apenas um gole de café. Quando retornam vem cegas de fome. Esse prefeito nega a merenda e troca por votos. Agora ele quer tirar as professoras, porque queria que elas assinassem como se estivessem recebido a merenda. Esse prefeito queu paga uma miséria para as coitadas das professoras. Ele é um massacrador do povo" (Prof<sup>a</sup>. Leiga da comunidade do Campo Grande.)

- Posição do bispo: "Gostei sobretudo de observar que os membros das comunidades tem uma fundamentação cristã muito profunda. Fala-se sempre no Evangelho. Aqui não se prega o marxismo nem qualquer outras ideologias; mais a fé, pois é na fé que o povo sente sua libertação. (A Prensa p.3. out.1986).

## A Imprensa analisa a mini-série

Segundo a Revista Veja "nos capítulos da mini-série que transcorreriam em Monte Santo, a todo momento ficava evidente a simpatia de Dias Gomes e Tizuka pelos camponeses"... Um comunicado interno da Rede Globo reclamara que a mini-série "pintava os donos de terra como grileiros e assassinos" o que teria levado o Sr. Roberto Marinho a cortar quatro capítulos. Na opinião deste "os espectadores esperavam ver a história do personagem místico Zé do Burro, do homem religioso,... e o que se viu na mini-série foi muito diferente... Em alguns capítulos se faziam proselitismo político de maneira clara em cenas violentamente revolucionárias". Na nova versão os espectadores deixaram de ver uma série de cenas de cunho

político. Na mais apoteótica delas, camponeses de Monte Santo se munem de tochas e organizam uma passeata destinada a libertar da cadeia um de seus líderes" (ver. Veja, 13.ab.1988).

- A Revista Manchete comenta: "Os quatro capítulos excluídos, tratavam de temas: como conflitos de terra, revolta de camponeses, reforma agrária". 'Ninguém entendeu porque a parte do Antônio Conselheiro foi retirada da mini-série' (Osmar Prado). Várias cenas registravam depoimentos de pessoas que vivem no sertão, contando sua luta contra os donos de terras. 'É tudo isso foi cortado' (José Mayer). (R. Manchete n.º 962, Rio de Janeiro, 25 novembro 1989, p. 4).

## Quem estaria atingido nos cortes?

À Globo não interessava apresentar a problemática do povo camponês. Mas ela temia sobretudo, mostrar uma experiência concreta em que esse povo estava sendo vitorioso, o coronelismo na região agonizando.

Para evitar que minha presença, criasse dificuldades às filhas, foi combinado que eu ficaria dois meses fora do município e retornaria para uma grande procissão final. No dia que viajo para São Paulo recebo por telefone uma comunicação de afastamento. O bispo foi taxativo: "não volte mais para a paróquia". Há 2 meses que não me via!. Em uma grande assembleia de camponeses a Diocese ditou a sentença o que significava retorno ao projeto pastoral de subserviência ao clero e às autoridades civis, como havia feito em Jacobina. Como não houve rendição em 1987 o bispo sela o "Pacto Noventano" texto da missa de Canudos, com o prefeito para efetivar a marcha do retrocesso. Eis a face real da Igreja progressista!

A mini-série atingia em cheio a igreja enquanto instituição. Pois, quem estava firmando um pacto demoníaco em nome de quatro dioceses, com o que existe de mais estúpido nesse sertão, para castrar a luta do povo, com o objetivo de destruir um trabalho que ousou ar-



rancar Canudos do fundo do Cocorobó, era o clero. Estava em jogo uma disputa de poder: entre a massa camponesa de um lado, brigando pelo direito de sobreviver e o clero e fazendeiros de outro, obstinados em reter o processo histórico a qualquer preço. Proclame-se nas rodas oficiais: o Piquaraçá livrou-se da maldita subversão, invistam nele! A farsa foi montada. O público em delírio chora suas mágoas, porque a música para neutralizar sonhos guerreiros, deve dar ao sertão a anestesia que o impotentiza e destrói. E haja repressão!

Do ponto de vista da questão da terra a mini-série, coloca frente a frente: posseiros e fazendeiros. Pintar os fazendeiros (grileiros) com as cores de suas emoções, não será transgressão à lei divina; mostrar-lhes ao público com as patas monstruosas da agressão: não é traição ao código do carrancismo; dar-lhes identidade de açambarcados das terras do mundo; não transgride a ânsia de sua voragem. Por isso o Sr. Marinho, talvez bajulado pelas duas poderosas instituições, latifúndio e Igreja amputou as imagens, evitando a discussão, adocinando-as na Novela "O Rei do Gado". Onde o grande fazendeiro, possuído de infáveis qualidades, casa-se com uma sem-terra. Dialoga com seus companheiros. Delega a estes a missão de encontrar a mulher foragida, ocupa-se do destino econômico de alguns e financia um Senador-modelo na defesa até a morte dos espoliados do latifúndio. É a imagem que faz o Brasil legal de si próprio porque a imagem da UDR e da bancada Ruralista é bem outra nas miragens dos novos jaguncinhos do Vaza-Barris.

Voltei a Monte Santo para definir os rumos que o trabalho ia tomar. Fui morar no Cumbe e teimosamente continuar a luta de Antônio Conselheiro. Trouxe de São Paulo um grito tremendo no bolso. O texto da missa popular de Canudos para teatro e música que termina a marcha final:

*"Das águas do Cocorobó ouviu-se um grito  
Por almas inundadas Raquel chorou  
Do horror da terra quente se escuta, gritos de dor;*

*Rev. Canudos, Salvador, UNEB, v. 2 n. 2, 1997*

*De batalhas e massacres milhões de mortos  
Da espora da opressão a triste sorte  
Geme o povo dos sertões, solta gritos, gritos de dor.*

*Salve, Salve, Canudos  
Roga a Deus ó Maria  
Benze o povo e eleva  
Cristo é seu guia.*

*Do navio e da aldeia nos misturamos  
Índios negros e roceiros a marca herdamos  
Do deserto das três raças Deus chama à promessa  
De Beatos e missões a fé colhemos  
Da escola da enxada partilhamos  
Do conselho dos profetas, ouvimos:  
Libertação". (marcha final da Missa de Canudos)<sup>15</sup>.*

O "Pagador de Promessa" foi a divulgação nacional do trabalho. Valeu-lhe também o decreto de destruição. Restou a imagem forte do contrato que a Globo fez para aproveitamento da canção "Deixem-me Viver" na trilha sonora da mine-série e descumpriu.

As imagens do povo de Monte Santo chegaram à tela através do trabalho de Jorge Alfredo, Póla Ribeiro e Moisés Augusto, no vídeo "República de Canudos". Ali viu-se a voz do povo contando os fatos... a cerca aparece como símbolo da opressão... lá os moradores sobrevivem do bode que tem de ter lugar para pastar e os proprietários cercam para nada... numa demonstração vazia de poder e arrogância: fala Jorge Alfredo: "República de Canudos mostra como as comunidades se mobilizam para melhor distribuição de terra e na luta por seus direitos"- A Tarde, 5.2.1990.

O vídeo exhibe a cara do povo marcada pelos rasgos da violência e da fome. Revela sua rejeição ao atraso planejado, seu ódio ao arame. Na experiência posta na tela os camponeses só podem esperar pela ação do alicate. Com cenas inéditas atualiza o grito mais remoto

*Rev. Canudos, Salvador, UNEB, v. 2 n. 2, 1997*

da terra, que em Canudos teve o seu momento mais aguerrido: “o vídeo toma partido do lado dos camponeses, retrata por inteiro aquele movimento. Era um momento histórico. Não interessava ouvir o outro lado, o bispo; importava os camponeses. O símbolo deixado por Antônio Conselheiro” (Jorge Alfredo, conversa com o autor).

## Grilagem do Sítio do Feliciano

O grileiro já havia tomado várias sortes de terras para os lados do Mocambo. Tomara dos negros do São Pedro e os transformara em semi-servos, agora investia nas glebas de Uauá, onde moram 45 (quarenta e cinco) famílias e centenas se beneficiam da reserva livre. Área seca, caatingal solto, destinado ao cultivo, produção de lenha, criação de bode. Com o apoio das autoridades de Uauá e Monte Santo, o grileiro cerca a reserva dos camponeses ignorando inclusive as relações de compadrio. Juntam-se as comunidades do movimento de Canudos, derrubam nove km de cerca e cortam o arame. Józa e Dedé, camponeses da região e posseiros do sítio citado, ficam um mês foragidos. Dedé 20 dias preso em Bonfim. A polícia invade sua casa e uma criança de um ano é morta nessa invasão. De volta para Monte Santo membros da coordenação do movimento com muita habilidade convencem os pistoleiros a desistirem da execução. Proprietários da região policiaram suas fazendas temendo uma derrubada geral. O movimento mostrava sua força. E Hermenegilda guerreira de Canudos, inspirou esse hino das derrubadas de cerca:

“Querem cercar o Sertão”:

*“Querem cercar o sertão  
Querem vender o país  
Querem botar num curral  
O povo simples, como animal.*

*Nos deixa,  
Nos não deixa, não.*

*Seja o que Deus quiser  
Canudos quem vai mandar  
Venha donde viver  
O vento forte é quem dirá”...<sup>16</sup>*

Porque derrubar? Era o último recurso: ou defender a terra livre ou deixar cercar e ser consumido pela cerca e pela seca. Aquele ato representava a proteção do bode, porque no caatingal o preceito divino nas palavras do tangedor é: “deus no céu e bode na terra” e “quem tiver medo de morrer, que se enterre vivo” responde o ancião camponês do sítio de Feliciano (vídeo República de Canudos).

## Depoimento dos camponeses:

- *“A gente aqui não tem do que sobreviver. Vive do préá, do coelho. E se a gente não derrubar essa cerca onde é que as mulheres vão achar pau para fazer lenha? Vamos derrubar, é onde nossa criação pasta. Derruba! Que nosso bisavô tem uma capoeira aqui dentro do terreno. Nós temos que derrubar, porque companheiros, a terra é nossa. Vamos derrubar, nós só devemos temer a Deus (vários depoimentos).*

- *Dedé. “nós derruba a cerca, porque se nós não derrubar, nós vamos morrer de fome. Aqui é uma área coletiva, pra gente viver e criar... se a gente não criar como é que vive numa terra em que a gente não tem salário. Tem que derrubar é o único jeito para nós. Temos é que morrer de bala; mas não de fome”.*

- *Maria, companheira de Dedé: “nós derruba porque a roça não é dele. Ele grilou nossa. E se ele botou arame, o arame é dele, mas a terra não é não. E nós vamos derrubar porque é aonde os nossos bichos pastam. E se a gente não derrubar nossos bichos vão morrer de fome. E num sertão arrasado como esse, nós vive do bode, se nós não viver do bode de que é que nós vamos viver? Não é todo ano que nós temos safra: feijão, farinha. Então nós vamos derrubar. Olhem essas crianças... aonde elas vão se arrancar, num momento*

*desse, tudo pequenininho, tudo aí pronto para derrubar junto com nós. E nós vamos derrubar. Não! Vamos cortar, esbaqueçar. Intupir. Dinheiro num presta não; pra nós o que adianta é o povão tudo de braço dado assim, ôi”.*

O combate à caminhada do resgate se intensificou após 1987. As imagens do vídeo ficaram de testemunho de que a guerra contra o Canudos Velho, quanto no Canudos Popular continua viva e seus autores, os mesmos que destruíram o Bello Monte se aliaram e se reproduziram, para combater o grito dos camponeses. A bravura de seu Józ, cortando arame, derrubando estacas inspirou esta cantiga:

### Józ

*“Venho canta canto novo  
Venho canta aboiá  
Sou cavaleiro do Poço  
Mensagem das terras de Uauá.*

*Me chamam matuto  
Jagunço Józ  
Saibam desse vaqueiro  
O táio que dá.*

*Ê boi ê a bôia  
Bacurim quando cresce esquece  
Que viveu de mamá.*

*Não fui à escola  
Mais domino a rês  
A sabença da flor das campina  
Me botou alvêz”<sup>17</sup>.*

Como isolar o Canudos do Conselheiro com o que se passa hoje nos sertões? Há uma continuidade histórica. A terra preserva o grito do homem latente, fervendo como um fogaréu que não deixa

resfriar. E de quando em vez ele responde como um velho mandacaru: “os engenheiros ‘truveram’ umas máquinas, as máquinas estão comendo a terra e vão mergulhar Canudos na água da chuva. Mas lá é ruim de chover. As terras da gente o governo ainda não pagou. É por estas e outras que sertanejo fica triste, perde a confiança e briga” (José Ciriaco, sobrevivente da guerra). (O Globo, 19.1.1966 p. 15).

Momentos fortes marcaram esta fase. Em maio de 1991, o jornal “O Regional” desponta com a seguinte manchete:

### “Ex-Padre é o cão de Uauá

“Como se não fosse bastante a invasão de terras perpetradas pelos arruaceiros liderados pelo ex-padre Enoque, no município de Uauá, eles conseguiram convencer até mesmo a FETAG. No último dia 10 esses falsos posseiros voltaram a provocar baderna nas ruas da sede do município, gritando palavras de ordem contra o pecuarista José Borges prefeito que defende na justiça a posse de suas terras invadidas a cerca de dois meses sob inspiração do ex-padre. Além das manifestações públicas em Uauá, os baderneiros tem feito outras ameaças à ordem no município... todas as pessoas de bem... sabem da legitimidade de sua posse sobre as terras em litígio, o que deverá ficar provado na justiça... para dar um basta nas pretensões maléficas da quadrilha de arruaceiros chefiada pelo ex-padre. Ainda de acordo com Borges, o ex-religioso é um notório perturbador da ordem e por esse motivo perdeu a batina, expulso da Igreja devido a conduta contrária aos mandamentos da lei de Deus. Também a lei dos homens tem sido denegrida por esse falso profeta que já foi preso várias vezes e hoje sabe-se que está envolvido com tóxicos e outros delitos. Enoque se faz acompanhar sempre de uma legião de asseclas que comumente se misturam a incautos lavradores... para provocar agitação. Segundo apuração de o Regional, somente com a retirada desses elementos da comunidade é que os moradores de Uauá poderão voltar a respirar com tranquilidade... O pecuarista José Borges salienta mais uma vez que as terras de sua propriedade que Enoque mandou invadir foram adquiridas dos herdeiros do Barão de Geremoabo” (o Regional p.2, n.º 30).



A matéria do jornalista Antenor Júnior faz uma revelação marcante: os grileiros estão preocupados com a ação enérgica dos camponeses organizados. Sendo Uauá eixo e foco da grilagem, também trincheira do movimento de Canudos os grileiros estrebuchavam ao verem suas pretensões escusas diluídas. O temor das autoridades da região, vai além da impossibilidade de acumular terra, atinge sua identidade, enquanto políticos da região temerosos de perderem a boiada humana. E aí a consciência da matéria indaga: por que não ser político do lado do povo? Por que temer sua organização? Até quando o sertão elegerá corruptos, fatores do atraso temerosos de povo desenvolvido? Esse ciclo viciado já está condenado pela história. Chega!

Em 1988, entregamos a paróquia. Assume a direção pastoral uma grande equipe de padres e freiras. Duas lideranças pastoral que ainda participavam da coordenação do movimento de Canudos caem fora. Era o rompimento oficial com o movimento. A diocese de Paulo Afonso assume a liderança do Canudos da igreja (Canudos Romeiro) realizando em 1988 a primeira Romaria paralela de Canudos.

## O Combate ao Canudos Popular

A nova equipe de padres assume a paróquia do Piquaraçá com uma missão digna de suas pretensões: destruir o trabalho popular. Se em 1895 a igreja com o relatório Capuchinho limpava as mãos sobre o que acontecia em Canudos, “dava o sinal verde para o Exército jogar a bala” (conversa com Maria Isaura de Queiroz, em São Paulo, 1987), a igreja de agora assegurava as autoridades que a era dos levantes estaria encerrada e sela as alianças mais estúpidas. Imediatamente a Paróquia recebe dois carros novos e milhões de dólares da Alemanha como gratificação pela empreitada. Afinal o país germânico não deseja que a mão-de-obra sertaneja destinada às suas fábricas em São Paulo tenha consciência do valor de sua força-de-trabalho.

A igreja se livrava daquele teste fenomenal. Saira arranhada. Perdera terreno e a imagem na região comprometida. Já houvera se

envolvido em dois movimentos indesejáveis, tinha que agir com astúcia. Recuperar o prestígio. E se arvoram, sequiosos de poder. Arrebatam os padres chegantes:

- “É muito fácil manipular o povo analfabeto através de Antônio Conselheiro, um poderoso tradutor da mística nordestina, bombardeia o espanhol Manolo”. “O Padre Enoque escolheu um caminho que não agrada à diocese para recuperar a memória de Antônio Conselheiro e de Canudos contemporiza Padre Tiago Milan, espanhol” (O Estado de São Paulo, 15.ag.1989), vigário de Canudos: pela diocese de Paulo Afonso. Edvirgens Rosa Cardoso, na sua sapiência agreste percebendo o retrocesso indigna-se: “Depois que padre Enoque saiu as mães solteiras não podem mais batizar os filhos, nem parece que todos são filhos de Deus” (O Estado da São Paulo, 15. ag. 1989).

- O coronel Gerônimo Ribeiro de Uauá, há mais de três décadas no poder, corre atrás das cabras perdidas: “o que estão fazendo com Conselheiro é uma barbaridade histórica. Nada mais grosseiro intelectualmente do que ter que ouvir que um homem de fé com conduta de apóstolo, foi um inflamado líder de massas” (O Estado da São Paulo, 15.ag.1989).

- “Monte Santo ficou livre das intrigas e rixas políticas que a tumultuara nos últimos anos e os fiéis subiram a colina em paz na Sexta-feira Santa. A política e a religião resolveram descruzar os caminhos... Silenciosamente a multidão percorre os três quilômetros... é hora de agradecer as graças alcançadas ou rogar ao senhor a cura da doença e o término da seca, da miséria, a garantia de emprego” (A Tarde, 25.mar.1989).

Nesta redefinição da questão Canudos, as forças político-religiosas se articulam em busca dos espaços perdidos. O sertão de Canudos está tão somente refletindo o retrocesso da igreja a nível mundial. Num ponto as declarações se conjugam: todos aceitam o Conselheiro místico-burguês, mas rejeitam na tela, quanto na praxes concreta a versão do Conselheiro trabalhada pelo movimento de Canudos: líder

religioso camponês. Profeta catingueiro. Querem a reabilitação do Conselheiro como líder messiânico, mas detestam-no como líder das massas camponesas.

## Década de 90: três Canudos, três Paixões

O Canudos das Elites, fomenta a pesquisa acadêmica dissociada da dinâmica do mundo camponês. O Canudos Romeiro, trabalha um beato espiritualista que se incorpora ao ambiente clerical. E o Canudos popular, síntese de história e luta, passado e presente, religiosidade e profetismo guerreiro é grito e revolta de luta do povo camponês.

Dois momentos na cidade da Bahia marcaram a presença do Canudos Popular, o lançamento do livrinho: “noventa anos depois Canudos de Novo” e a fundação de um núcleo do movimento em Salvador, com a divulgação de uma carta do movimento... Pouco, muito pouco, para o muito que esta cidade ofereceu à destruição do Bello Monte. Depois, muito depois do que se formara e firmara o movimento na capital de Sergipe.

Na década de noventa o movimento seguiu seu caminho tortuoso. A macambira ardeu nos confrontantes da luta. A terra tostada das imburana tremeu na sola de nossas pisadas. Pois foi nas dificultosas assembleias nas roças à sombra dos umbuzeirais que resistimos. Vimos os novos jaguncinhos atacados. Os camponeses “alugados” para fazer catequese. O catecismo substituindo o furor evangélico. O cerco apertando do adro da Santa Cruz: não casa, não batiza quem é do movimento. E como o batistério é o documento válido da aposentadoria. Ah! Como é difícil manter o camponês no trabalho popular.

O Cruzeiro, que no Canudos Velho, arrebatava as multidões das porteiras da opressão, cem anos depois, serve para acomodar as massas e calar o sertão. Que reine a pastoral da criança, pesando os novos jaguncinhos, alimentando-os de casca de ovos e frutas, substituindo o alimento que deveria vir da terra grilada. Passam a impressão

que a Macambira está morta. Mas a natureza tem suas leis para mantê-la viva.

## O Centenário

Em 1997, descortina-se o Centenário da Guerra contra o povo do Bello Monte, apelidado de “Guerra de Canudos”. Versões várias são apresentadas sobre aquele povo e o triste acontecimento. Cada setor envolvido naquele holocausto, tenta eximir-se da culpa. Há análises extremas que chegam a colocar no mesmo rol: Padre Cicero, Ibiapina e Conselheiro. Não é possível igualar o inigualável. O Centenário nos alcança num momento trágico da vida brasileira, quando devíamos estar traçando os rumos da primavera do povo.

Igrejas, associações, movimentos, apostando no assistencialismo como alternativa para as feridas sociais. Será sua função dá remédio acalentador para os estragos que as elites causam nas massas? Se as elites apostam nesse projeto suicida, (vê-se o terrorismo da tela para estragar a população humilde) não cabe a nós ir ao encontro das massas para acalmá-la. Conselheiro injuriado com a miséria imposta, mostrou magistralmente o caminho. No sertão de Canudos o que deveria servir de lição, perpetuou a tragédia. Caíram no vazio as palavras do grande escritor: “decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a combater em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários (Os Sertões). Ainda não moveu o coração dos dirigentes, as grandes idéias. A maioria ainda ruma o ciclo vegetativo das coisas rasteiras. Dá mais lucro pregar o “silêncio das massas”, porque no Centenário os programadores da miséria podem comemorar. O evangelho combativo foi substituído por doutrina. Não há mais “tumulto”. As procissões de denúncia diluem-se nas miragens do passado. Instala-se a liturgia do silêncio, as romarias



oficiais. Se antes rezava-se para derrubar cerca de grileiro e garantir trabalho na terra, exigir açude, agora espera-se da oração que Deus dê trabalho. Pelo que o silêncio dará a medalha salvacionista. E o atrasado era Conselheiro !.

Por que apresentar o nordeste como celeiro de “pagadores de promessa”?, versão moderna do “vale de lágrimas” a fomentar mitos, tipo Frei Damião, para esculpir na consciência da massa a idéia apocalíptica da bonança para além da morte? Deplora-se o atraso que gera o fanatismo e criam-se os fanáticos para sustentar a orgia de uma casta. Proíbe-se as imagens da luta vitoriosa do povo camponês do sertão de Canudos, mas usa-se as imagens dos nordestinos para atrasá-lo, induzindo-o a eleger um capuchinho que tantas glórias deu as oligarquias do nordeste, fatalizando as massas, apoiando o fátidico Collor, enquanto os nordestinos exilam, têm suas terras griladas, suas crianças degoladas pelo planejamento da fome. Que louve o Papa os seus missionários, porque o nordeste precisa de Conselheiros dos sem-terras, que apesar de “mal-vestidos, enfezados, lembram os fanáticos de Antônio Conselheiro”, buscam na força da enxada ou do bacamarte as condições materiais e espirituais de seu futuro.

Primeiro de junho de 1997 a TV Educativa da Bahia exibiu um documentário sobre Monte Santo. O programa refletiu o que querem fazer com o povo do sertão: botá-lo silencioso num curral. A devoção é vista ali como suporte acalentador da opressão estampada no rosto daquele povo sofrido. Os personagens humanos, calados, silenciosos, quando muito cantam, um canto distante, quando não cruzado com o gregoriano, para distanciar-lo ainda mais do “Deixem-me Viver”. Querem roubar a voz da realidade. Todos querem o Monte Santo com seus misticismo burgueses, mas qualquer sinal de rebeldia contra a ordem coronelística, lá vem o bispo e o coronel ditando que é pecado. O documentário apresentou as imagens do povo e do Santo. Imagens Mudas! “representando” não mais um protesto, símbolo da defesa da vida, nas imagens do santo que julgam os “miseráveis” diz no canto uma beata. Não são mais camponeses são “pecadores”. No centro do cortejo religioso, atual semana Santa de Monte Santo, destaca-se a “Imagem do

Senhor Morto”. O Cristo Sofredor, não é ali um questionamento aos pecados mortais do latifúndio, mas serve como justificativa do sofrimento do homem-mulher. Então indaga o devoto: prá que lutar por água, terra, saúde, escola se dispõem de promesseiros delicias da religião oficial? E são lentas apagar as imagens da recente revolta eucarística, como se fora um pecado cometido por aquele mesmo povo. Se organizar e exigir justiça.

Que venham as celebrações do 4 e 5 de outubro a beira do Açude. Ali ninguém mais se ocupará do “Conselheiro visionário” da indústria cinematográfica “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”.

### Canto do Centenário

*“Não me leve a mal  
Quando eu cantar  
Cem anos de Canudos  
O sonho tem que vingar.*

*Destruíram o sonho  
Prá dominar  
Corações unidos  
Sem não de Carcará.*

*“Por ele não havia  
Mal no mundo  
Prisiguero de  
A desgraceira aí está”*

*Vês toda miséria desfilam contentes  
Quais raposas velhas rit(em) da gente.*

*Seja a lei de Deus  
Contra a lei do Cão  
Diabo quer miséria*



*Conselheiro é terra e pão.*

*Mão que faz o taio  
Santinha, Marciano  
Hoje Cemitério  
Brotá gitirand<sup>18</sup>.*

NOTAS:

1. Depoimento gravado para o vídeo documentário República de Canudos de Pola Ribeiro e Jorge Alfredo, realizado em 1986.
2. Odorico, Tavares. Canudos, Cinquenta Anos Depois, 1947, pág. 40
3. Canção integrante do Texto da missa Pelos Mártires de Canudos.
4. Entrevista realizada no município de Canudos no ano de 1996.
5. Entrevista com Afonso em Chorochó no ano de 1996.
6. Depoimento da comunidade sobre Canudos e do Vaza-Barris.
7. idem
8. idem
9. idem
10. Depoimento de uma professora primária com uma nova revisão história
11. Editorial do Jornal a Tarde de 26 de julho de 1984, página 6.
12. idem
13. Poema e música do Pe. Enoque, gravado pelo cantor Fábio Paz em CD - "Canudos e Canto do Sertão"-1997.
14. Canudos noventa anos depois, como demonstra em edição Maria Quitéria
15. Letra de Enoque, música de Fábio Paz e Enoque
16. Letra e música do Pe. Enoque
17. Idem
18. Poema do Pe. Enoque

1993-O CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE  
CANUDOS e suas influências sobre o imaginário popular<sup>1</sup>

*Patrícia Pinho<sup>2</sup>*

Em 1993, o imaginário popular de Canudos viveu um momento de muita efervescência, pois aquele foi o ano em que se comemorou o Centenário da fundação da comunidade criada por Antônio Conselheiro. Creio que 1993 foi um marco na história recente de Canudos e uma chave para se compreender o imaginário contemporâneo da cidade. Vários setores da sociedade mobilizaram-se para expressar sua opinião a respeito do assunto, revelando suas diversificadas formas de concepção da história de Canudos.

A imprensa teve um papel importante na divulgação dos cem anos da fundação de Canudos. Jornais de todo o Brasil trouxeram matérias sobre o tema, e repórteres de várias revistas deslocaram-se até Canudos para fotografá-la e obter informações sobre o assunto.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Este artigo é uma adaptação de um capítulo da minha da tese de Mestrado em Sociologia, *Revisitando Canudos Hoje no Imaginário Popular*, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, agosto de 1996.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências Sociais na UNICAMP.

<sup>3</sup> Dentre estas revistas, destacam-se "Manchete"; "Isto É"; "Caminhos da Terra"; e "Superinteressante".